



Procurar a presença e os sinais do Amor de Deus no mundo deve querer dizer procurar a nossa relação com Deus Pai que pelo Seu Amor infinito pelo homem Se incarnou na História. Hoje talvez comecemos a compreender que o fundamento da nossa Fé – que é uma Fé incarnada –, está precisamente na relação : que Deus quis ter com a humanidade, que a humanidade deve estabelecer entre si para descobrir o rosto de Deus e que cada ser humano deve tecer com Deus Pai.

É sobre esta imagem de Deus Pai que queremos incidir a nossa atenção, dado que nos parece que é o núcleo principal de cada relação sucessiva possível e, por isso mesmo, queremos reflectir juntos sobre a oração do Pai-Nosso – oração que repetimos em cada dia, com as palavras que Deus, como Pai amantíssimo, ensinou aos seus filhos e também a oração definitiva para Tertuliano (160/225) a «síntese de todo o Evangelho».

Por onde começar ? Como fazer para dizer algo, sem de alguma forma pensar afrontar a síntese de todo o Evangelho numa relação ? As nossas reflexões demasiado humanas não podem presumir uma explicação completa do Pai-Nosso, apenas podemos balbuciar algumas sensações, algumas intuições e juntos rogar a Deus que nos acompanhe no nosso esforço. Ao ritmo do homem, à medida dos nossos passos, com a consciência de que o próprio Jesus – autor desta oração – se pôs no nosso caminho para, antes de mais, dar ao nosso Pai-Nosso um carácter de **simplicidade**.

*“Senhor Jesus, Tu conhecias certamente, cada palavra de teologia para poder falar a Deus onnipotente, a criatura do homem, certamente terás utilizado correctamente as palavras no Templo, o termo mais apropriado para discutir as coisas do Céu, no entanto, quando Tu quiseste ensinar aos homens como aprender a linguagem de Deus, Tu escolheste a palavra mais simples, a palavra que mais facilmente sai das nossas bocas, a palavra que nos faz sentir crianças e que faz viver emoções de uma confiança feita na confiança sempre que a repetimos : ABBÁ, PAPÁ ... um Deus que abarca o infinito, um Deus que é infinito e onnipotente, é para nós simplesmente ABBÁ, o PAPÁ : o mistério de Deus trazido para a nossa dimensão humana através da simplicidade total e absoluta ... quem teria alguma vez ousado dizer «PAPÁ» a Deus, Aquele de quem nem o nome deveria alguma vez ter sido pronunciado ? ”*

Mas a **simplicidade** não está associada à **banalidade**, “Pedi grandes coisas e Deus dar-vos-á as pequenas” (Clemente de Alexandria, 140/211); por isso para nos aproximarmos do Mistério de Deus, somos convidados a falar ao Pai, tratando com Ele das coisas de Deus.

- Pai-Nosso que estais nos Céus
- santificado seja o vosso nome
- venha a nós o Vosso Reino
- seja feita a Vossa Vontade

– **«Pai-Nosso que estais nos Céus»**

Um Pai é aquele que tenho junto de mim, que me sustenta, que me faz crescer, que está próximo de mim ... mas ... este Deus Pai está tão longe, nos Céus – próximo e longínquo, em mim e fora de mim, no presente e para além de todos os tempos, o Contingente e o Eterno, o ABBÁ e o Absoluto, o Deus que está junto a mim, o Inatingível, o Desconhecido

«Pai» – Aquele a Quem eu me posso dirigir com a certeza de ter a Sua atenção e o Seu amor por mim;

«que estais nos Céus» – para me lembrar que Ele não me pertence só a mim, à minha realidade, à minha raça, à minha cultura, à minha história ..., para me lembrar que Ele não se esgota na minha relação de filho e de criatura ..., para me lembrar que Ele conserva a Sua divindade que é completamente diferente da minha humanidade ..., para me lembrar que Ele é transcendente em cada dimensão terrestre e limitada, que está no Céu e não sobre a terra.

– **«Santificado seja o vosso nome»**

Uma contradição aparente – antes de mais, recordemos que o Nome é a própria realidade que ele exprime – quando Adão dava nome aos objectos e aos animais, reconhecia-os pela sua identidade e afirmava o seu poder sobre eles.

O Nome de Deus é o próprio Deus, por isso durante os acontecimentos em Israel, Deus nunca tinha sido nomeado, a não ser por sinónimos – Adonai, Sabaoth, ... – e, agora, pelo contrário, somos nós – os homens – que devemos santificar o Nome de Deus ... até parece que Deus não é por Si mesmo suficiente para ser o Santo !

E há ainda uma outra aparente contradição : se por um lado a palavra Santo – na linguagem bíblica – significa perfeito, bendito, justo, por outro lado – na linguagem hebraica – tem um significado etimológico de «separado» e mesmo em latim o verbo «*SANCIRE*» (donde provém a palavra *SANCTUS*) significa «cortar com o mundo», «afastar» .

Que podem significar estas contradições ? Mais uma vez, no mesmo momento em que somos convidados a pronunciar o Nome de Deus e a santificar o Seu Nome, isto é a louvar e a bendizer, Deus lembra-nos que Ele está longe, que Ele está separado de nós, que Ele é o Outro sempre procurado e nunca completamente agarrado.

Deus que é Aquele que é, é o Santo que se apresenta como longínquo, separado, distante, é o mesmo Deus que se faz próximo por Ele está ao nosso lado e no mundo concreto é Aquele que nos dá a Sua mensagem de justiça e de bondade.

Portanto, a palavra Santo, separa e une simultaneamente – coloca Deus nos Céus, longe da humanidade e, ao mesmo tempo, insere-o na História e na vida do homem, pois é Ele, o Misericordioso, que é o Pai para o homem.

– **«Venha a nós o Vosso Reino»**

Qual é o Reino de que nos fala Jesus e pelo qual Ele roga ? Será um reino que está próximo e que sempre se verá manifestar ..., será um reino conhecido desde sempre e desde sempre escondido e procurado ..., será um reino de todos que se manifesta na pequena vida de cada indivíduo ..., será um reino que liberta de toda a escravatura e nos faz ser filhos sem sermos mais escravos ..., será um reino que não obedece a qualquer regra – onde há ricos na pobreza, bem-aventurados na humildade, grandes na pequenez ... É um Reino que vem apenas quando a humanidade se libertar a si mesma de toda a corrente humana e tornar livre os outros homens exortando a dignidade, a cultura, a justiça, e, sobretudo, quando amar a todos. Isto é o Reino de Deus, que foi posto nas mãos dos homens, para que eles o tornem vivo em cada dia.

## – «Seja feita a Vossa Vontade»

Para além de toda a nossa aceitação dos sacrifícios e renúncias, há uma Vontade de Deus que é universal, que abraça toda a humanidade e que pertence simultaneamente a cada homem – esta Vontade quer simplesmente que o homem realize a vida na sua plenitude, o que na verdade significa, realizar o Reino de Deus.

Efectivamente, cada vez que o homem se compromete com a justiça e com a paz, ele manifesta solidariedade e fraternidade, ele luta pela liberdade contra todos os condicionalismos culturais, económicos, sociais e religiosos, ele apenas permite que a vida se exprima na sua plenitude segundo a Vontade de Deus. Não se trata de uma resignação ao que nos possa acontecer, mas, bem ao contrário, é uma forte tomada de posição a favor da vida; ninguém nos pede uma espera passiva e resignada, mas sim um procedimento activo e criativo !

*“Senhor Jesus ensina-nos a olhar para o Céu, para o alto, a desviar os nossos olhos de tudo o que nos engaiola e de tudo o que nos impede de ver na mesma perspectiva de Deus.*

*Mas, por vezes, acontece que, quando dizemos que Tu estás nos Céus, nós Te colocamos longe e durante esse tempo recusamo-nos a compreender que o Céu não é um lugar, mas é tudo o que pertence ao «mais longínquo», ao «ainda não», ao «tornar-se presente já» ; não compreendemos que o Céu é tudo o que representa o Outro, o Outro como diferente, como desconhecido, como incompreensível.*

*Nós proclamamos que o Teu Nome seja santificado, e em Teu nome erguemos barreiras, fazemos cruzadas, colocamos arreios, criamos separações, distinções e diferenças entre os homens e as igrejas e em Teu nome julgamos os bons e os maus, os fiéis e os infiéis, os regulares e os irregulares, os normais e os diferentes, os justos e os injustos ...*

*Em Teu Nome ... mas segundo a nossa lógica e os nossos critérios ! ...*

*Dizemos, que venha a nós o Teu Reino e esforçamo-nos sempre mais por tornar estável o nosso reino, o nosso pequeno ou grande poder, por reforçar o nosso prestígio, por trabalhar sempre mais para trepar o mais alto possível, para demonstrar quem na família conta mais e nas relações do casal dominar o outro, e, enfim, no serviço se o vivemos como uma ocasião de autoridade e não como uma partilha.*

*Afirmamos que a Tua Vontade seja feita e, no entanto, estamos sempre prontos a pedir-Te aquilo de que precisamos, não confiamos no facto que Tu és verdadeiramente um Pai para nós, pensamos que o maior esforço que nos é pedido é aceitar as pequenas cruces do quotidiano, já que a Tua Vontade é que cada homem conheça a alegria da Tua Ressurreição ! ”*

A oração volta-se agora para a realidade dos homens, o olhar de Jesus dirige-se para a terra, para o mundo, incide sobre os homens e a perspectiva de Deus torna-se a nossa, pois no mundo somos nós que agimos e vivemos.

- o pão nosso de cada dia nos dai hoje
- perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido
- e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o mal

### – «O nosso pão de cada dia nos dai hoje»

O pão, uma outra palavra simples e clara que nos reconduz ao fundamento da vida – sem pão não se vive, um bocado de pão com um copo de vinho põe em comum os pobres e os ricos, pois dá possibilidade de viver.

O pão, a palavra simples e clara que constitui um arquétipo da humanidade, uma chave que nos abre para o sentido profundo da vida ; no pão está presente o trabalho dos homens, a evolução da história, o caminho da humanidade.

O pão é o resultado, é o fruto dos elementos mais simples, a água e o trigo, mas para que estes dois últimos se tornem pão é preciso formar (amassar), mexer, misturar – o pão é o símbolo desta humanidade que em cada dia, durante séculos e durante milénios se mexe e se mistura, caminha através do mundo e se torna ela mesma pão, o alimento da vida.

Mas como pode ser amargo o pão para aquele que o pede deixando a sua própria terra, ou para aquele que o pede para os seus próprios filhos privados do indispensável, ou para aquele que o pede humilhando-se ! E como pode ser duro o pão para aquele que é obrigado a comê-lo na injustiça e na exploração em tantas partes do mundo ... o pão é duro e amargo também para aqueles que aparentemente o tenham em abundância, para aqueles que o acumulem nos sótãos ... a preocupação de ter sempre mais dinheiro, a preocupação de trabalhar mais, sempre mais para manter um certo estado de vida, para responder à lógica de ter para consumir ... Este é um pão escuro aos olhos de Deus, pois, como acontece nesta oração, os dois adjectivos «**nosso**» e «**de cada dia**» estão sempre unidos à palavra pão.

A palavra «**nosso**» aparece tal como «nosso é o Pai dos Céus, o Deus da vida ... não estou autorizado a pedir o «meu» pão, um pão apenas para mim, eu devo pedi-lo para todos, assim se eu o peço para todos não me é permitido viver dia após dia pensando apenas em mim. Esta é a razão pela qual o nosso pão se torna num outro compromisso – o de viver a fraternidade mais no concreto e não apenas com palavras, o de viver a partilha na realidade e não apenas em teoria, o de viver a colaboração de um modo verdadeiro e não apenas aparente ... Quanto ao «de cada dia» – o pão para hoje que me serve de alimento quotidiano “*não levem nada para o caminho ...*” e por fim, o convite a abstrair de toda a preocupação irregular, a saber avaliar e distinguir o que realmente precisamos para viver ou aquilo que transformámos em necessário, a acreditar verdadeiramente que Deus é Pai para nós todos.

«**De cada dia**» – o pão quotidiano ou o pão de cada dia. É bom lembrar que muitos programas a longo prazo encaharam, que a maioria dos grandes objectivos se diluem confrontados com a realidade, que um grande número de certezas caem e voam num ápice ao chocarem com os milhares de pequenos acontecimentos.

O pão é igualmente interpretado como o Pão do Espírito, o Pão da Eucaristia – este Pão não nos afasta das nossas reflexões, pois não podemos pedir, e muito menos alimentarmos do Pão do Espírito se não tomarmos consciência da necessidade fundamental de um compromisso para termos o Pão a que cada homem tem direito : “Tive fome e deste-me de comer ... ” ... “ Não haveis rezado olhando apenas para minha pobreza ou escutando apenas o meu grito de desespero, não haveis rezado olhando apenas para o Céu mas debruçastes-te sobre mim e saciastes-me ..”

**– « Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido»**

Seria bastante limitativo se déssemos uma interpretação literária a esta frase, pois provavelmente esta frase tinha sido utilizada por Jesus para fazer compreender melhor a quem o escutava até que ponto era importante recriar uma situação harmoniosa onde esta se tivesse quebrado. Ter uma dívida para com alguém significa seguramente não ser completamente livre, significa não estar em harmonia, significa não ter uma relação positiva com alguém.

Contudo, a questão não é para interpretar no sentido económico do termo, a questão tem a ver com a nossa relação – a minha relação com o próximo – assim não é apenas um gesto, uma acção específica a corrigir, a pôr em ordem, é mais uma situação harmoniosa a recompor, e, isso, implica mais, bastante mais do que uma simples restituição ou pagamento de uma dívida.

Se substituirmos a palavra dívida pela palavra pecado, como de resto o faz o Evangelista Lucas, que compreendemos melhor, quando nos diz porque é que o pecado não é só um defeito particular mas representa sobretudo a ruptura que se instalou entre os homens e entre o homem e Deus. A ruptura de uma relação positiva exige uma recomposição, mas para recriar a harmonia não basta fazer um gesto mecânico ou expressar uma palavra de cortesia. A serenidade precisa de um olhar nos olhos bem profundo, mas para que tal se realize não é suficiente uma palavra ou um gesto particular, é preciso uma nova situação que será construída de uma forma positiva, caso contrário não passará de acto formal.

Da nossa experiência conjugal conhecemos bem os valores de um conjunto de gestos e de palavras que constróem a trama do amor, mesmo no silêncio, e a inutilidade de palavras e gestos apenas por dever ou a vontade de uma quietude evidente que nos convida a dizê-las ou a realizá-los. Como todos sabemos o perdão concedido ou recebido e a reconciliação verdadeiramente vivida são compostos de um conjunto de actos, de palavras, de gestos, de olhares, que o perdão dado e recebido nos incita como pessoas e põe em acção uma situação dinâmica nova que cria novas realidades positivas. O perdão dado e recebido, não é um ponto de chegada, é uma realidade de partida, pois renova a vida e abre para novas possibilidades desconhecidas.

Além disso, se o pedido de nos perdoarmos as nossas ofensas nos põe imediatamente em relação com outros homens não podemos fazer calar a reciprocidade contida neste versículo – nós estamos em relação com Deus na medida em que estivermos em relação com os homens. O «como» não se refere apenas à medida e à frequência do perdão, mas compromete a «modalidade» - como somos capazes de criar relações harmoniosas com as pessoas que entram na nossa vida, poderemos igualmente experimentar a serenidade de uma relação positiva com Deus, pois Deus vem até nós através de Cristo, Ele vem até nós através do homem e da mulher que temos ao lado, vem até nós através de todos os homens e de todas as mulheres que vêm ao nosso encontro todos os dias. Os Céus e as novas terras só terão o seu lugar através desta reconciliação constante, através de uma retomada do

diálogo renovado entre os casais, entre os pais e os filhos, entre os místicos e os activos, entre os crentes e os não crentes, entre os diferentes de qualquer espécie.

– **«Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo o Mal»**

Quando pedimos a Deus que não nos deixe cair em tentação, Ele fica persuadido que desejamos simplesmente ficar afastados de todas estas situações concretas, afectivas, sociais, religiosas, que nos deixariam longe d’Ele, que poderiam tornar mais difícil a nossa procura d’Ele, que poderiam tornar o caminho ainda mais confuso e desorientado.

Se devemos afrontar uma viagem longa e difícil, é compreensível que desejaremos ter indicações claras – itinerários, instrumentos de orientação, equipamento eficaz ...

Ora não nos submetemos à tentação quer dizer evitar qualquer perigo. Dizendo isto não nos damos conta daquilo que pedimos a Deus – pedimos que diminua o nosso valor de homem, que limite a nossa liberdade, que não nos deixe dominar sobre todas as criaturas do universo.

Com efeito, a realidade da tentação está no facto de ser homem, não apenas porque somos chamados a escolher entre o bem e o mal, mas porque a tentação tem a sua raiz na contradição entre experimentar a nossa realidade de criaturas, de seres finitos e o nosso desejo de ir para junto de Deus, de O conhecer, de viver n’Ele. Só o homem entre as criaturas do universo tem a possibilidade de entrar em diálogo com Deus, pois só o homem possui o espírito que o conduz a Deus, um espírito todavia limitado e definido num corpo que o impede de se salvar completamente.

O homem que está ligado à terra pelo instinto da carne é o mesmo homem que «habita as estrelas do céu» ; o homem que responde aos impulsos do instinto animal é, por outro lado, o mesmo homem que se eleva até ao céu. A tentação é um facto que acompanha constantemente a nossa vida, a menos que o queiramos negar, seja da nossa realidade humana para nos sentirmos um animal ou um anjo.

Então que significa pedir ao Pai que nos livre da tentação ? Talvez signifique não esquecer a nossa realidade – a minha realidade de homem e de mulher, sempre comprometido a responder às exigências do nosso corpo e aos desejos da nossa alma, a ser sempre chamado a olhar para o céu sem desviar os olhos da terra ... Talvez signifique que devemos partilhar os momentos importantes da vida dos nossos irmãos, ajudá-los a enfrentar as suas dificuldades da vida, sem esquecer que tudo pode ser realizado confiando o nosso trabalho a Ele – a Deus – as mãos nas mãos dos homens e o espírito nas mãos de Deus.

Não nos submetemos à tentação, talvez, signifique não cair no pecado, esquecer os nossos limites de criaturas humanas ou o nosso desejo de Deus.

Talvez signifique que o projecto da nossa salvação será só será realizado se conseguirmos fazer viver o nosso corpo, as nossas sensações, as nossas emoções, as nossas acções amando-os com a vida do Espírito e fazendo viver o Espírito de Deus através dos nossos gestos, das nossas palavras, dos nossos procedimentos, ...

Neste caso, as tentações tidas como provas mais ou menos difíceis de viver, representam o caminho que devemos experimentar, o percurso que devemos verificar, o caminho que devemos ensaiar e não podemos pedir que sejam evitados, pois não podemos querer parar, pois para nos reunirmos com Deus devemos estar a caminho e só o êxodo contínuo nos permitirá alcançar a terra prometida.

Apenas podemos pedir para não sermos enganados pelas tentações e para não morrermos na grande tentação – a de não vivermos plenamente a nossa humanidade.

E a súplica final do Pai-Nosso, o nosso grito que se eleva para o Céu «livrai-nos de todo o mal» aprova a nossa confiança em Deus que não nos deixará sós, em Deus que experimentou na Sua humanidade as mesmas angústias que nós e que as venceu na Ressurreição – Deus que já venceu a Morte. Livrai-nos do mal, livrai-nos para que não sejamos emboscados nos nossos limites humanos que só nos deixam ver na óptica de um egoísmo pessoal, livrai-nos do mal do nosso tempo, um mal que tem o rosto da pobreza contra o da riqueza, o rosto da injustiça contra o do direito, o rosto da mentira contra o da verdade, o rosto da exploração contra o da solidariedade, o rosto da respeitabilidade contra o da transparência, o rosto do poder contra o do serviço, o rosto da morte contra o da vida.

Mas é este o tempo a que pertencemos, o momento presente no qual somos convidados a viver, a escolher a continuidade, pois na continuidade e através da nossa própria vida, abre-se o Caminho da Vida e cria-se o lugar de Deus.

*“Senhor, nós Te pedimos para que à volta das nossas mesas nada nos falte, para que continues a abastecer-nos, para que penses no nosso pão, sem sabermos que pelo simples facto de o pedirmos se subentende a renovação da promessa de viver em comunidade com a humanidade inteira e que o facto de Te pedirmos implica igualmente a renovação do nosso compromisso de não escolhermos o caminho do egoísmo, do individualismo mas de tomarmos aquele que é certamente menos fácil que o de concretamente partilhar o pão com toda a gente. Pedimos o pão de cada dia e preenchemos os nossos dias de trabalho que muitas vezes serve para ganhar mais e que nos faz sentir indispensáveis e insubstituíveis ; pedimos o pão de cada dia e acumulamos nos nossos sótãos reservas de pão para os dias seguintes, para nós, para os nossos filhos, para a nossa família ... só para nós; pedimos o pão de cada dia e enchemo-nos de supérfluos e, além disso, com uma capacidade extrafina conseguimos tornar indispensável o supérfluo fechando os olhos e tapando os ouvidos diante dos pedidos das coisas indispensáveis, das verdadeiramente indispensáveis, para populações inteiras ... o pão, a água potável, as estradas, as casas que podem ser feitas de colmo ou de argila como nos bairros de lata, uma cultura que não se limita à de saber escreve o seu próprio nome ...*

*Depois, com a mesma humildade, e com a mesma inconsciência, nós Te pedimos que sejas misericordioso para connosco, como nós o somos para com os nossos irmãos ..., pedimos-Te que nos perdoes as nossas ofensas ..., que vivas connosco uma aliança de amor, quando nós nem sequer somos capazes de tecer um laço de amor com os outros ..., pedimos-Te que nos perdoes ... pedimos-Te que não nos deixes cair em tentação e que nos livres do mal, mas não conseguimos fugir à tentação de viver isolados do mundo – no nosso pequeno mundo – na perspectiva das nossas necessidades, na preocupação das nossas exigências de vivermos em função do nosso pequeno «eu» que no máximo passa a «nós», conjugal ou familiar, mas que frequentemente exclui todas as outras pessoas que estão de fora, todas as outras pessoas que são diferentes, desconhecidas, as pessoas que se afastam do caminho certo e todos aqueles que nos parecem «outro» ...*

*Hoje, talvez tivéssemos compreendido algo mais, demos um pequeno passo – um passo à medida do homem – e podemos pedir-Te que só nos dês o pão se estivermos envolvidos para que todos o tenham, que só nos perdoes as nossas ofensas se trabalharmos para vivermos num mundo reconciliado, se os nossos caminhos estiverem abertos para os céus e para as novas terras, que nos mantenhas na tentação se isso significa ter uma consciência contínua da minha*

*pequenez e da minha grandeza de homem dividido entre a voz da Terra e um infinito desejo de Ti, que nos livres do mal só se tivermos iniciado o caminho em busca da Verdade e se tivermos procurado os atalhos menos evidentes que nos conduzem a Ti, com medo talvez, mas também com a confiança de que nesse atalho e nesse caminho Tu nos esperas.*

É o mistério da Encarnação que se manifesta através da própria oração de Jesus : Deus não nos ouvirá se não O pudermos aperceber entre a vida e entre o homem e a sua história, pois é aí que Ele habita; não podemos ficar nas céus, devemos descer à terra e ao mundo, pois é aí que nós O poderemos encontrar; Ele proibiu-nos de cruzar os braços e de ficar olhando os céus, pois, bem pelo contrário devemos utilizar as mãos – sujar as mãos, partilhar os sofrimentos, trabalhar para o bem, repor o nosso espírito nas mãos do Pai e as nossas mãos nas mãos dos homens ...

A encarnação que faz de Deus um Homem na Pessoa de Cristo, que tornou real a Palavra de Deus, “o Verbo se fez carne”, que tornou o acto de Fé num acto de autêntico compromisso, chega até nós pela oração do Pai-Nosso, uma oração que recitamos talvez todos os dias para nos recordar em cada uma das vezes, que a nossa Fé ou se transforma em carne, em gesto ou então transforma-se em acção, caso contrário não é Fé cristã. A nossa Fé exige uma presença activa no mundo, pois é no mundo que Deus vem ao nosso encontro, o nosso compromisso nas ENS exige uma presença activa, pois é no mundo que transmitimos a mensagem e o testemunho do amor.

Como cristãos e equipistas somos convidados a uma leitura sobre a existência humana para fazer brotar a expressão da Fé – somos convidados a promover uma cultura da economia como uma cultura da igualdade, de remover todas as barreiras entre os ricos e os pobres, pois o pão é um direito de todos ; somos chamados a promover uma cultura da justiça fundada no direito de cada homem, para ver satisfeitas todas as necessidades fundamentais da vida ; somos chamados a promover uma cultura da liberdade ali onde a liberdade está esquecida, anulada, negada ; somos chamados a promover também uma cultura da obediência não à simples lei, mas à Vida, não ao Sabbat mas ao Homem, não aos princípios mas a Cristo.

A Fé e a cultura não são antagónicas, nascem ambas de uma paixão única – conhecer Deus, procurando-O entre os homens, conhecer o homem para procurar um aspecto do Rosto de Deus.

Então, o Pai-Nosso será um ensinamento da Fé e da Vida, não podemos olhar para o alto sem voltar o olhar para a terra e vice-versa; não podemos ficar entre os homens sem olhar, no dia a dia, para a bondade harmoniosa de Deus Pai que está nos Céus – é um percurso contínuo de olhares e interdependência e, é igualmente, como dizíamos no início, uma oração de encarnação e Cristo, o Deus Encarnado em Homem, não nos ensina por acaso a rezar desta maneira.

Fizemos uma análise desta oração, o melhor que soubemos e pudemos, mas, como conclusão, devemos individualizar três pontos distintos que representam um pouco a síntese, portanto sublinharemos três palavras : **PAI**, **REINO**, **PROXIMO**.

**PAI** – isto significa que somos filhos, todos somos filhos e somos irmãos, todos irmãos : ***devemos aprender*** a ser filhos sem nos tornarmos nem escravos nem pais, pois o Pai é só Ele ; ***devemos aprender*** a permanecer criaturas mesmo sendo velhos, pois a vida é-nos dada continuamente por Ele ; ***devemos aprender*** a permanecer irmãos, a sentirmo-nos todos irmãos, pois dizemos «nosso». Pai-nosso, não apenas meu, ou o Pai de alguns ou o Pai de uns

quantos que pensam como eu, o Pai que eu amo e que me ama. Pai-Nosso – dizemo-lo em cada dia e, no entanto, renegamo-Lo em cada momento.

**REINO** – O Reino não virá, não existirá, não se realizará, o reino é o Reino que chega, o Reino é a realidade na qual eu vivo hoje e neste momento, nesta realidade social, neste mundo eu sou chamado a viver segundo a minha escolha de Fé.

**PRÓXIMO** – não existe propriamente esta palavra, mas Cristo fala-nos do pão, da ofensa, do perdão e da liberdade e lá onde não existe o seu próximo, sendo o próximo eu mesmo, podemos partilhar o pão, experimentar o perdão oferecido e recebido, saborear o gosto da liberdade que adquirimos pelo facto de sermos todos filhos de Deus.

Mas se finalmente não tivermos compreendido como é profundo o compromisso e a

implicação desta oração, então :

Não digamos	Pai	se em cada dia não nos comportamos como filhos
Não digamos	Nosso	se vivemos isolados no nosso egoísmo
Não digamos	Que estais nos Céus	se apenas pensamos nas coisas mundanas
Não digamos	que venha a nós o Vosso Reino	se o confundimos com o sucesso material
Não digamos	que seja feita a Vossa Vontade	se não a aceitamos se for dolorosa
Não digamos	o pão de cada dia nos dai hoje	se não nos preocupamos com os que têm fome, com os que não têm cultura, com os que não têm meios de vida
Não digamos	perdoai-nos as nossas ofensas	se conservamos o rancor para com os nossos irmãos
Não digamos	não nos deixeis cair em tentação	se mantemos a intenção de continuar a pecar
Não digamos	livrai-nos do mal	se não tomamos uma posição contra o mal
Não digamos	Amen	se não levamos a sério as Palavras do Pai.Nosso

E, digamos o nosso AMEN apenas com esta consciência, que significa «que assim seja», ou «que assim se faça», que significa o nosso «SIM» a este compromisso de conversão de vida, que significa o nosso «SIM» renovado no serviço, aquele que, de momento, estamos todos a fazer, todos os que aqui estamos como Casais Responsáveis dos nossos Países, sem ter vivido para nós próprios *mas* especialmente para os outros, não vivendo sozinhos *mas* com os outros, não vivendo olhando apenas o Céu ou apenas a terra, o mesmo é dizer, não vivendo apenas a teoria ou a mística, e não vivendo também numa prática baseada numa grande eficácia *mas* percorrendo continuamente o olhar do Céu e da terra – a terra e o Céu para conter o Rosto de Deus entre os homens e a vida dos homens diante do Rosto de Deus.

AMEN !

Que assim seja para nós todos

\* \* \*